

Gilberto Luiz Alves

INSTITUTO CULTURAL

JORAPIMO:

Um Pioneiro da Pintura Modernista em
Corumbá, MS



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

Texto:

Gilberto Luiz Alves

Composição:

Naim Rodrigues Jaser



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

Já se faz tardio o reconhecimento do mérito da produção artística de **JORAPIMO**¹. Numa aproximação inicial, pode contribuir para tanto a contextualização do panorama das artes plásticas em Corumbá na segunda metade da década de 1960. Foi quando, nessa cidade em que nasceu, viveu e produziu, começou a pintar e desenhar depois do interregno vivido em Campinas, São Paulo.

Para essa primeira aproximação, oferece relevantes subsídios o catálogo de Aline Figueiredo intitulado **Artes Plásticas no Centro-Oeste** (Figueiredo, 1979) e o denominado **Artes Plásticas em Mato Grosso do Sul** (ROSA *et al.*, 2005). No primeiro são flagrados nomes de pintores corumbaenses que teriam produzido na passagem da década de 1960 para a de 1970. Grande parte deles caiu no olvido, em seguida. Estão nessa condição Maria Augusta CAMBARÁ (FIGUEIREDO, 1979, p. 255), Waldemir da Costa DINIZ (FIGUEIREDO, 1979, p. 274), José Abílio ESCALANTE Ribeiro (FIGUEIREDO, 1979, p. 275), Clélia Senna de MATTOS (FIGUEIREDO, 1979, p. 309), José MIRRHA (FIGUEIREDO, 1979, p. 316), Tadeu de Carvalho MOREIRA (FIGUEIREDO, 1979, p. 318), Jesus Edemir ESCALANTE Ribeiro (FIGUEIREDO, 1979, p. 333), Epitácio SANTA LUCCI de Castro (FIGUEIREDO, 1979, p. 340) e Lucy Maria BONILHA Souza (FIGUEIREDO, 1979, p. 347). O catálogo **Vozes das Artes Plásticas em Mato Grosso do Sul** (PELLEGRINI; REINO, 2013) não faz referência a quaisquer deles. Alguns ainda são conhecidos por terem permanecido na cidade. O volume de suas produções, contudo, parece ter sido reduzido. Padecendo de escassez quantitativa, careceram de críticas e, também, pouco se sabe de seus resultados. Sob esse aspecto, se constata uma primeira diferença que marca positivamente a obra de JORAPIMO. Ela foi contínua e prolífera. Suas pinturas e seus desenhos inundaram Mato Grosso do Sul e Mato Grosso.

¹ Nome artístico de **José Ramão Pinto de Moraes**, resultante da justaposição das primeiras sílabas de seu nome e sobrenomes.



Um fato é indiscutível: muitos dos pintores, desenhistas e escultores referidos emigraram e se fixaram em outras cidades do Estado e do Brasil. Isso contribuiu para que suas obras se tornassem pouco conhecidas no local. Um exemplo foi o magnífico escultor *Índio*, alcunha de José Carlos da Silva (ROSA *et al.*, 2005, p. 62-63). Nascido em Corumbá, muito cedo sua família emigrou para Aquidauana onde ele se tornou marceneiro. Em seguida começou a esculpir em arenito para se fixar, por fim, na escultura em mármore. Então já vivia em Campo Grande.



Índio

Nome artístico de José Carlos da Silva (Corumbá, MT, 1948 – Campo Grande, MS, 1991)



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

Índio, a.b.

Homem, Boi e Peixe

Escultura em Mármore

31 x 24 cm.

1989

Foto Daniel Reino

Coleção Gilberto Luiz Alves



Índio, a.b.

Garça

Escultura em Mármore

19 x 15 cm.

s. d.

Foto Daniel Reino

Coleção Gilberto Luiz Alves



Há ainda aqueles que, mesmo reconhecidos como pintores em certos momentos de suas vidas, deixaram de produzir. Parece que eles próprios sempre viram o desenho e a pintura como atividades ligadas ao ócio. Pintavam por prazer, para atender uma necessidade íntima que se expressava no tempo livre. Para usar uma expressão que considero muito apropriada, eram pintores diletantes. Cito, para efeito de ilustração, os nomes de Hebe Lacerda ALBANEZE (FIGUEIREDO, 1979, p. 242; ROSA *et al.*, 2005, p. 44-45) e de Abílio Escalante (FIGUEIREDO, 1979, p. 275; ROSA *et al.*, 2005, p. 34-35). Alguns registros de suas pinturas aparecem tanto na já citada obra de Figueiredo (1979) quanto no álbum **Artes Plásticas em Mato Grosso do Sul** (ROSA, 2005).



Hebe Albaneze

Nome artístico de Hebe Maria de Lacerda Albaneze (Corumbá, MS, 1942)



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

Hebe Albaneze

Tuiuiús

100 x 80 cm.

1978

Fonte: FIGUEIREDO (1979, p. 242)



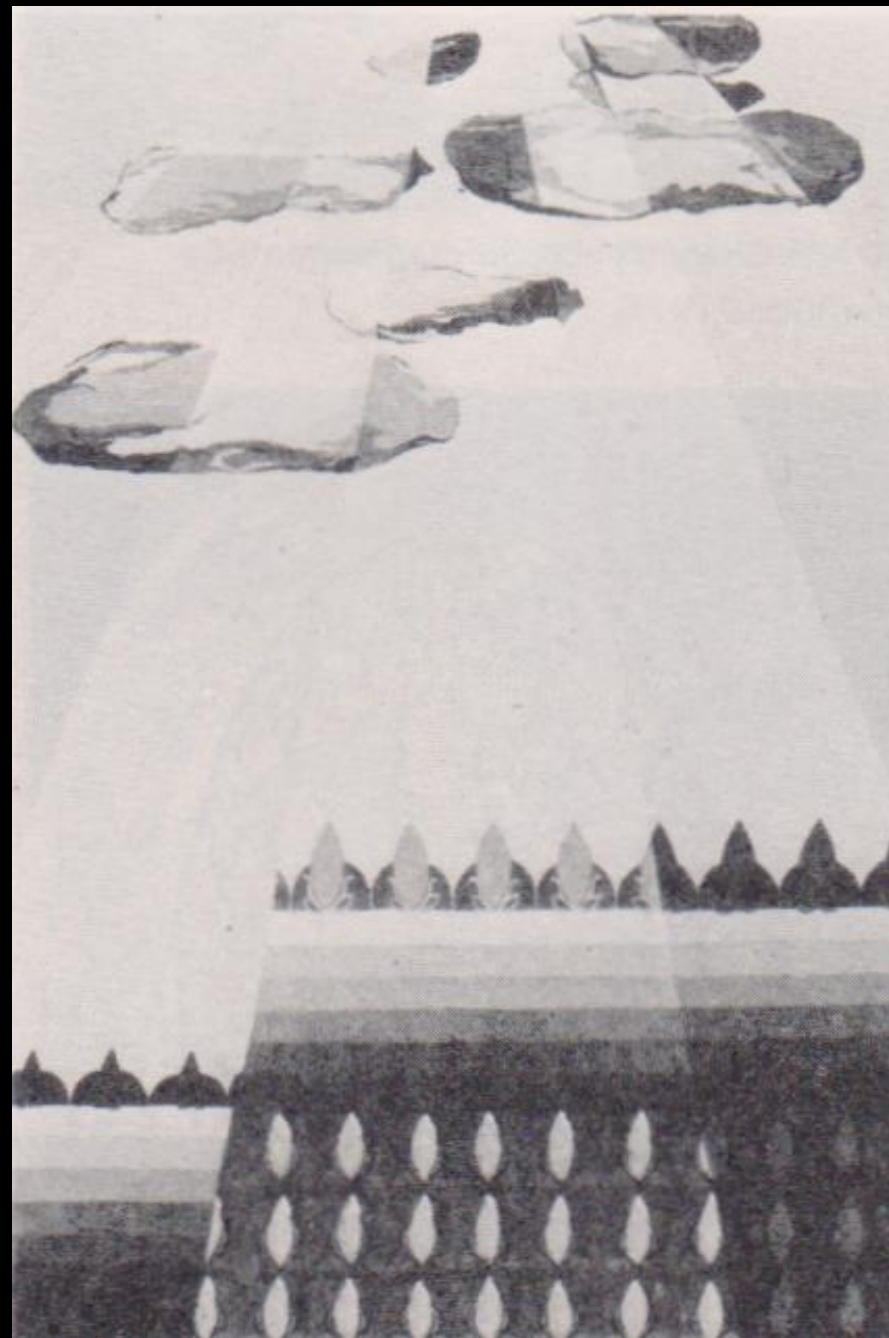
Hebe Albaneze

Céu Pantaneiro

90 x 60 cm.

1976

Fonte: FIGUEIREDO (1979, p. 242)



Hebe Albaneze, a.c.i.d.

Paz Sagrada Paz

Acrílica sobre Tela

65 x 90 cm.

2004

Fonte: ROSA, *et al* (2005, p. 45)



Abílio Escalante

Nome artístico de José Abílio Escalante Ribeiro (Corumbá, MS, 1954 – Campo Grande, MS)



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

Abílio Escalante, a.c.i.d.

Espaço Sideral

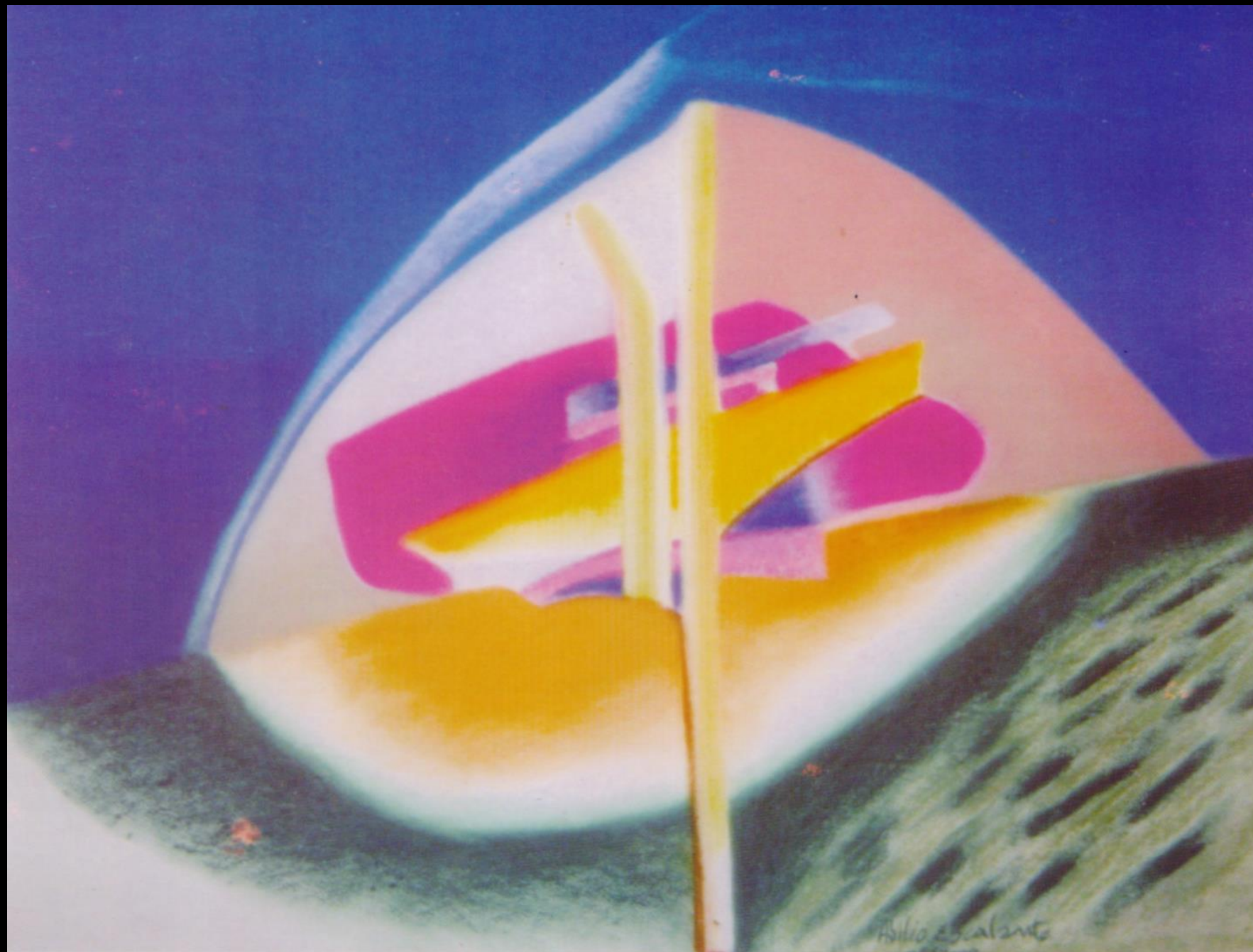
Óleo sobre Tela

42 x 60 cm.

2000

Acervo do Artista

Fonte: Rosa *et al* (2005, p. 35)



Abílio Escalante, a.c.i.d.

Sem Título

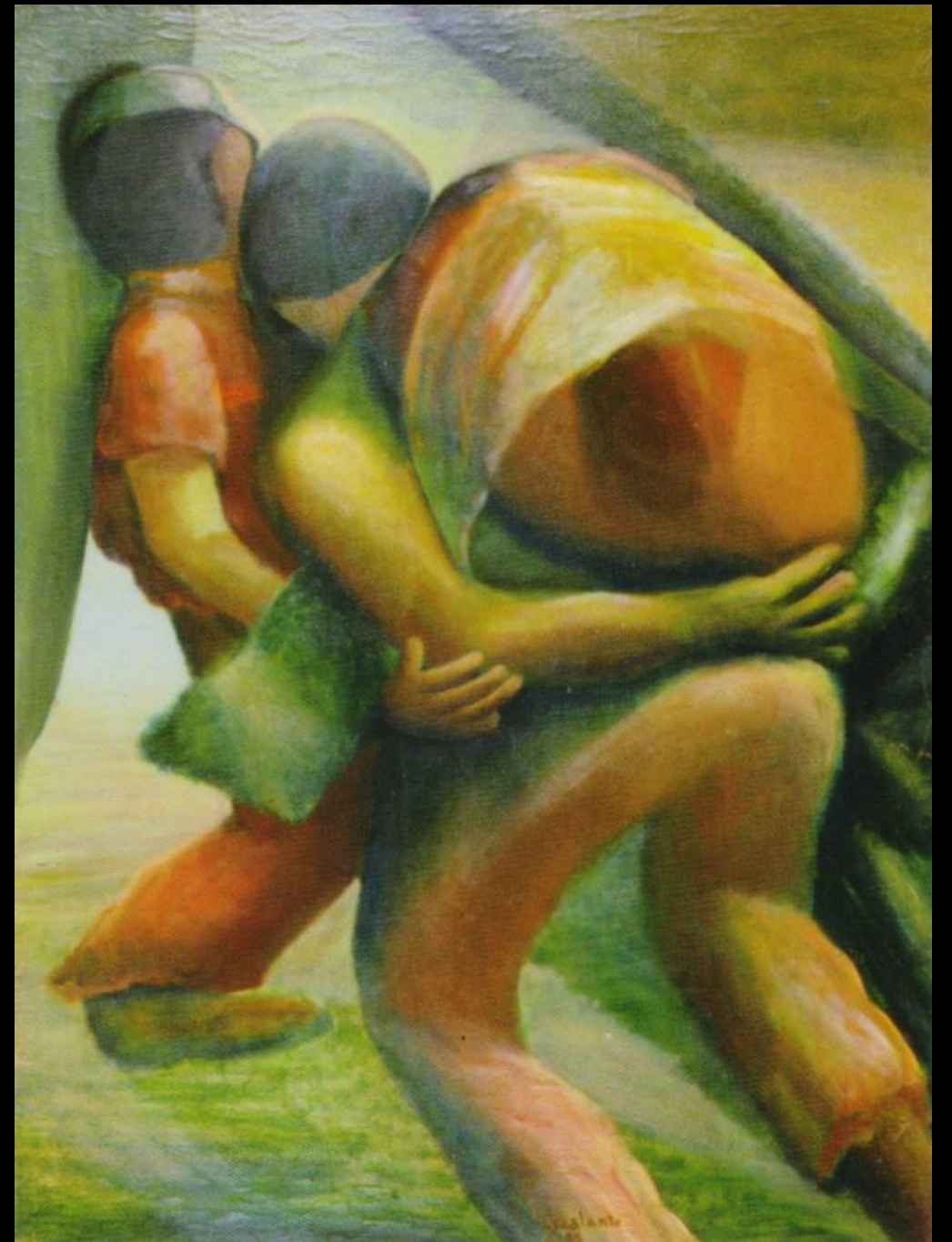
Óleo sobre Tela

114 x 85 cm.

1985

Acervo Particular

Fonte: Rosa *et al* (2005, p. 35)



Se a grande maioria dos pintores e desenhistas corumbaenses emigrou, houve também um movimento contrário. Alguns, originários de outras terras, mas também diletantes, se estabeleceram em Corumbá onde realizaram seu fazer. São exemplos Marina Gattass (FIGUEIREDO, 1979, p. 283), paulista, e Izulina Xavier (ROSA *et al.*, 2005, p. 64-65), piauiense, que por motivo de casamento se fixaram na cidade. Acentue-se que a primeira se iniciou nas artes plásticas pelas mãos de Antonio Burgos.



Marina Gattass

Nome artístico de Marina Gattass (São Paulo, SP, 1929 – Corumbá, MS, 1984)



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

Marina Gattass

Pas de Deux

Escultura em Cobre

69 x x 29 x 24 cm.

1980

Acervo do MARCO

Fonte: Rosa *et al* (2005, p. 76)



Izulina Xavier

Nome artístico de Izulina Gomes Xavier (Simões, PI, 1925 – Corumbá, MS, 2022)



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

Izulina Xavier

Paixão de Cristo

Escultura em Cimento

Detalhe de 70 figuras de 1,70 cm.

2000

Acervo do Artista

Fonte: Rosa *et al* (2005, p. 65)



Izulina Xavier,

Curujira

Escultura em Madeira

96 x 40 x 33 cm.

1985

Acervo do Artista

Fonte: Rosa *et al* (2005, p. 65)



Antes, já de forma profissional, também aportaram em Corumbá dois pintores espanhóis. Ambos representaram o ápice das artes plásticas em Corumbá na primeira metade do século XX e década de 1960. O primeiro, Miguel Perez (ROSA *et al.*, 2005, p. 82-83), se consagrou como excelente fotógrafo. O **Album Graphico de Mato Grosso** (1914) é ilustrado por muitas de suas fotografias. Na pintura, em suas paisagens é indisfarçável a reprodução de ambientes europeus. O segundo pintor espanhol, Antonio Burgos, juntamente com a filha Núria Burgos (FIGUEIREDO, 1979, p. 253 e 254), foram amplamente reconhecidos como artistas e recebiam encomendas de particulares, de empresas públicas e privadas. Ministravam, inclusive, aulas de pintura e de escultura para jovens, especialmente mocinhas das “boas famílias” da cidade.



Miguel Perez

Nome artístico de Miguel Perez (Granada, Espanha, 1881 – Campo Grande, MS, 1976)



Auto Retrato - Esposa e filho
fotografia p&b - 42x60 cm
Acervo particular



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

Miguel Prez, a.c.i.d.

Sem Título

Óleo sobre Tela

66 x 80 cm.

s. d.

Acervo do MARCO



Miguel Prez, a.c.i.d.

Sem Título

Óleo sobre Tela

64,5 x 72,5 cm.

1964

Acervo do MARCO



A. Burgos

Nome artístico de Antônio Burgos Villa (Barcelona, Espanha, 1900 – Corumbá, MS, 1982)



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

A. Burgos, a.c.i.d.

Floral

Óleo sobre Tela

40 x 50 cm.

1980

Foto Marian Jan Chudechi Junior



A. Burgos
-1980-

A. Burgos, a.c.i.d.

Natureza Morta

Óleo sobre Tela

40 x 60 cm.

1981

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Descendo ao conteúdo das obras produzidas por esses pintores, constata-se que viviam presos a padrões neoclássicos e religiosos. Corumbá se encontrava parada no tempo, sob esse aspecto. No âmbito das artes plásticas eram reproduzidas, tão somente, imagens sacras, paisagens alheias ao ambiente pantaneiro ou florais e naturezas mortas.

Fugiu dessa tendência uma artista corumbaense que se consagrou no Brasil, Wega Nery (FIGUEIREDO, 1979, p. 357). Mas, a rigor, ela visitava a cidade somente em períodos de férias, pois os genitores se fixaram em Campinas, onde viveu desde tenra idade. Pertencente à família Gomes da Silva, pioneira na ocupação da região da Nhecolândia, mesmo distante de Corumbá, nunca deixou de reconhecer que o seu querido Pantanal estava presente nas telas da fase que denominou “Paisagens Imaginárias”. Por não ter vivido na região, toda a sua formação se deu fora, participou ativamente do movimento das artes plásticas nos centros mais avançados do País e foi reconhecida internacionalmente. Porém, não pode ser celebrada como artista local e sua obra, mesmo consagrada, ainda não é conhecida suficientemente pelos seus conterrâneos.



Wega

Nome artístico de Wega Nery Gomes Pinto (Corumbá, MS, 1916 – Guarujá, SP, 2007)



Wega, a.c.i.d.

Paisagem

Óleo sobre Tela

49 x 99 cm.

1967

Foto Daniel Reino



Wega, a.c.i.d.

Barcos

Óleo sobre Tela

50 x 60 cm.

1979

Foto Daniel Reino



Wega, a.c.i.d.

Paisagem Imemorial

Óleo sobre Tela

45 x 60 cm.

1990

Foto Daniel Reino



Até a década de 1960, de fato, as novas tendências mundiais no campo das artes como um todo eram desconhecidas em Corumbá. O influxo da Semana de Arte Moderna de 1922 ainda não se difundira em Mato Grosso nem influenciava a produção local. Na literatura regional continuava dominando a poesia intimista ou ufanista, os versinhos satíricos e os jogos florais. Nas artes plásticas, como já foi dito, a pintura acadêmica se resumia, em grande parte, às paisagens inspiradas em outras terras, aos florais e às naturezas mortas.

Uma única exceção se materializara na cidade. Na década de 1930 o poeta Lobivar Matos expressava a mesma visão de mundo dos modernistas que pouco mais de uma década antes, em São Paulo e no Rio de Janeiro, ousaram se insurgir contra a rigidez da disciplina estética e o purismo dos cânones neoclassicistas já superados pelo tempo. Na literatura questionaram o parnasianismo, que cultivava a objetividade e a perfeição da forma por oposição ao lirismo dos românticos. Na pintura se opuseram aos ideais e modelos do neoclassicismo, que bebia no classicismo greco-romano, no maneirismo, no barroco e no rococó. Combatiam seus motivos, que se tornaram repetitivos com o tempo, donde uma prática reiterativa que se transformou em academismo.

Em Mato Grosso essa disputa ideológica foi, em grande parte, ignorada. Mas, na prática, não deixava de ser notório o apego dos artistas locais ao passado. À época, frise-se, era corrente o domínio da poesia intimista, do ufanismo “patriótico”, dos versinhos satíricos e dos jogos florais na literatura regional. Nas artes plásticas, a pintura acadêmica reiterava as paisagens alienígenas, os temas florais e as naturezas mortas. É o que ilustram as obras de Miguel Perez e Antonio Burgos. As condições materiais e sociais locais e o próprio ambiente eram temáticas omitidas no âmbito das artes.



Se tardios os rescaldos da Semana de Arte Moderna em Mato Grosso, nem por isso foram menos profícuos. O modernismo rompeu com vigor por meio da inspirada poesia de Lobivar Matos. Assumindo suas bandeiras, o poeta incorporou a questão social às suas obras. Passou a celebrar como tarefa histórica de seu ofício refletir sobre “os anseios, as revoltas, as durezas amargas da época e do meio” em que vivia; e “falar das coisas humildes, nos dramas cruciantes dos desgraçados, dos miseráveis, dos parias sem pão, sem amor e sem trabalho.” (MATOS, 2008, p. 63) Coerente com sua concepção, “quebrando os velhos moldes” e “abandonando os temas irrisórios”, desandou a escrever sobre personagens simples que tão bem conhecia: peões, lavadeiras, pescadores, engraxates, empregadas domésticas, trabalhadores das pedreiras, roceiros, dançarinas dos cabarés, entre outros. Demonstrou sua empatia por eles e evidenciou suas dores e amarguras. Também descreveu os enlevos e as pequenas alegrias dos homens e mulheres simples nas práticas culturais mais típicas da região, como as festas de São João e do peão.

Mesmo que inconscientemente, no meio dominado por concepções estéticas superadas a postura de Matos caiu como um raio. Ele passou a reproduzir, de forma inédita no sul de Mato Grosso, os reclamos dos modernistas que ecoavam com alarde desde a Semana da Arte Moderna de 1922. Mas ele foi uma voz isolada por aqui e sofreu rejeição, o que realça seu papel pioneiro e, também, sua coragem e seu isolamento.

A emigração e a morte prematura de Lobivar Matos deixaram profundo vácuo na vida cultural em Corumbá, vácuo somente preenchido a partir da década de 1960. O ressurgimento ocorreu no âmbito das artes plásticas e o grande artífice da retomada da visão de mundo modernista entre nós foi JOPAPIMO.



Novidades e diferenças marcaram sua trajetória, desde o início. Já não se tratava de um artista diletante que produzia esporadicamente nem reproduzia os superados motivos trilhados pelos artistas plásticos locais. Foi um pioneiro que passou a sobreviver exclusivamente de seu labor artístico. Isso ocasionou transtornos pessoais, pois escasso era o fôlego do mercado na pequena Corumbá. Para compensar, viajava sistematicamente para Campo Grande, onde vendia a maior parte de sua produção. Na Capital, teve por companheiro outro artista que comungava os mesmos ideais e as mesmas limitações: Ilton Silva. Entre 1988 até o final do século XX, frequentava sistematicamente o ateliê do amigo onde ocasionalmente também produzia. Foi por essa época que passei a ter contato sistemático com JORAPIMO e me tornei seu amigo. Muitas vezes recebi suas visitas em minha casa, quando, com certa cumplicidade, anunciava ter alguma tela que gostaria que eu conhecesse antes de oferecê-la a outros compradores. Assim adquiri belíssimas telas que hoje integram a minha coleção. São mais de quarenta peças.

Quando o artista realizou uma de suas últimas mostras individuais, ocorrida no Espaço Cultural da INFRAERO no Aeroporto Internacional de Campo Grande, tive a honra de ser convidado por ele para escrever o texto do convite. Impossível dizer não para um dos artistas que eu mais admirava em Mato Grosso do Sul e que, desde longa data, privava de minha amizade.

Acabei escrevendo algo que não era bem uma análise **stricto sensu** daquela mostra. À época me ocorreu traçar um paralelo entre a arte pictórica de JORAPIMO e a poesia de Lobivar Matos. Isso em nada diminuía o valor da obra do pintor. Pelo contrário, a engrandecia ao colocá-la no mesmo patamar daquele que, ao lado de Manoel de Barros, encontra-se, ainda, no ápice indisputado da arte literária em nossa terra. De fato, eu estava procurando enquadrar sua produção numa moldura mais ampla e pouco explorada pela crítica.



Antes de retomar algumas ideias então expostas quero consignar meu reconhecimento categórico sobre a dimensão gigantesca da obra daquele que foi o mais expressivo artista plástico do Pantanal Sul-mato-grossense. O fato de ter nascido e vivido em Corumbá, fez o Pantanal transcender em sua prolífera produção. Acomodado aos recursos oferecidos pela tinta acrílica sobre tela, seu desenho primoroso sempre se expressou por meio de movimentos nervosos executados com a espátula. Não precisava corrigir seus traços, pois sempre perfeitos. Surpreendia quem o via no seu afã a rapidez e a precisão com que operava seus instrumentos e os resultados esteticamente agradáveis e equilibrados que suas mãos ensejavam.

Jorapimo foi embalado pela vida que marca os corumbaenses. Caminhou e viveu ao ritmo das águas. Na sua cidade tudo sempre girou ao redor do Rio Paraguai, pois sua razão de ser, meio de sobrevivência de grande parte de seus habitantes, elemento angular de um ambiente que por sua biodiversidade motiva os cientistas e pela sua beleza atrai turistas nacionais e estrangeiros. Como em todo o universo, em Corumbá a existência humana padece das mesmas contradições e das mesmas amargas discrepâncias. São menos camufladas, contudo. A pobreza e a miséria atingem nossos olhos como se fraturas expostas fossem. Também aí humildes homens e mulheres clamam por justiça, por igualdade e por solidariedade humana.



Também por isso é apropriada a comparação da obra pictórica de Jorapimo à obra literária de Lobivar Matos. O paralelo é relevante, pois em Corumbá ambos trilharam o mesmo caminho norteador do modernismo em suas produções artísticas. Mas Lobivar foi um homem cosmopolita, pois vivera o ambiente universitário e cultural do Rio de Janeiro. Jorapimo não. Foi trabalhador da indústria têxtil no Estado de São Paulo, por meio da qual foi entronizado no mundo da pintura de estamparias. O trabalho foi sua universidade. Após seu retorno, não mais se afastou de sua agarrativa terra. Não participou de círculos nacionais e internacionais de pintores como outros mato-grossenses, a exemplo de Wega Nery e Ignez Corrêa da Costa. Mesmo assim, se consolidou como o grande modernista das artes plásticas em Corumbá, tanto quanto foi Lobivar Matos no âmbito da literatura. Também ele centrou sua produção nos trabalhadores simples, personagens pobres e sofridos, como peões, pescadores, vendedores de peixes e lavadeiras; estampou os espaços em que viviam, como o sarobá dos negros, as humildes habitações ribeirinhas, as favelas e os cortiços; pintou, igualmente, as manifestações culturais da região, como a festa de São João e o cururu, nas quais se envolve também a parte pobre da população da cidade. Ainda mais, como pano de fundo de sua produção, ninguém cantou e decantou tão intensamente as belezas do ambiente pantaneiro.



Digno de atenção é o fato de que as telas de JORAPIMO não abrigam a intenção de fazer apologia regionalista das coisas da terra. Pouco falante, o artista deixou que elas falassem diretamente e por ele. Por meio delas, se revelou cronista que externou com objetividade as condições de existência de seus personagens. Não cedeu a qualquer tentação de fazer proselitismo político. É óbvia a economia de detalhes em suas composições. A precariedade da vida dos trabalhadores não salta de ostensivos andrajos ou de cortiços residenciais pouco dignos. O apreciador deve deduzir da escassez marcante da indumentária colorida dos viventes e de seus barracos humildes que, tendo como fundo o Pantanal, agradam ao olhar do observador. Enquanto nulidades humanas, os trabalhadores são objetivados por feições indefinidas, traçadas por lances rápidos da espátula ou por movimentos do estilete que, retirando a tinta de pontos localizados, produzem os contornos das figuras reproduzidas.

A leitura da obra de JORAPIMO é desafiadora. Fugindo do óbvio, ela instiga e provoca. Resulta, para quem experimenta o agradável enlevo de realizá-la, ser tomado por um intenso prazer estético; ser tocado por um indescritível envolvimento que, ao mesmo tempo, permite conhecer um pouco mais a terra pantaneira e as relações sociais nela dominantes.



Jorapimo

Nome artístico de José Ramão Pinto de Moraes (Corumbá, MS, 1937 – Campo Grande, MS, 2009)



Jorapimo, a.c.i.d.

Domingo no Parque

Óleo sobre Tela

33 x 46 cm.

1978

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Jorapimo, a.c.i.d.

São João de 2003 (Ladeira Cunha e Cruz)

Acrílico sobre Tela

40 x 30 cm.

s. d. (2003)

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Jorapimo, a.v.

Cururueiros

Acrílica sobre Tela

120 x 90 cm.

s. d. (2004)

Foto Marian Jan Chudechi Junior

Capa de Catálogo

Mostra Jorapimo: Panorama Retrospectiva

Museu de Arte Contemporânea – MARCO

Campo Grande, abril/maio.2004



Jorapimo, a.c.i.d.

Cururueiros

Acrílica sobre Tela

88 x 117 cm.

s. d. (2004)

Foto Marian Jan Chudechi Junior

Tela Exposta na

*Mostra Jorapimo: Panorama
Retrospectivo*

Museu de Arte Contemporânea –
MARCO

Campo Grande, abril/maio.2004



Jorapimo, a.c.i.d.

Balsa do Morrinho

Acrílica sobre Tela

33 x 51 cm.

s. d. (déc. de 1990)

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Jorapimo, a.c.i.d.

Beira-Rio

Acrílica sobre Tela

40 x 35 cm.

s. d. (déc. de 1990)

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Jorapimo, a.c.i.d.

Paisagem Ribeirinha

Acrílica sobre Tela

30 x 40 cm.

s. d. (déc. de 1990)

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Jorapimo, a.c.i.d.

O Cardume

Acrílica sobre Tela

59 x 79 cm.

s. d. (déc. de 1990)

Foto Daniel Reino



Jorapimo, a.c.i.d.

Lavadeiras

Acrílica sobre Tela

24 x 30 cm.

s. d. (déc. de 2000)

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Jorapimo, a.c.i.d.

Lavadeiras

Acrílica sobre Tela

38,5 x 63,5 cm.

s. d. (déc. de 2006)

Foto Daniel Reino



Jorapimo, a.c.i.d.

Paisagem Ribeirinha

Acrílica sobre Tela

30 x 50 cm.

s. d. (déc. de 2000)

Foto Daniel Reino



Jorapimo, a.c.i.d.

Pantanal

Óleo sobre Tela

49 x 59 cm.

1986

Foto Daniel Reino



Jorapimo, a.c.i.d.

Pescador

Acrílica sobre Tela

37,5 x 45,5 cm.

1988

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Jorapimo, a.c.i.d.

Pescador

Acrílica sobre Duratex

60 x 39 cm.

s. d. (1993)

Foto Daniel Reino



Jorapimo, a.c.i.d.

Pescadores

Acrílica sobre Tela

29,5 x 39 cm.

s. d. (déc. de 1990)

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Jorapimo, a.c.i.d.

Pescadores ao Entardecer

Óleo sobre Tela

24 x 30 cm.

1980

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Jorapimo, a.c.i.d.

Pescadores e Lavadeiras

Acrílica sobre Tela

40 x 60 cm.

s. d. (2007)

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Jorapimo, a.c.i.d.

Revoada de Biguás

Acrílica sobre Tela

60 x 80 cm.

s. d. (déc. de 1990)

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Jorapimo, a.c.i.d.

Revoada de Pássaros

Óleo sobre Tela

50 x 80 cm.

s. d. (déc. de 1980)

Foto Daniel Reino



Jorapimo, a.c.i.d.

Vendedor de Peixe

Acrílica sobre Tela

40 x 50 cm.

s. d. (2006)

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Jorapimo, s.a.

Lavadeira

Acrílica sobre Tela

15 x 20 cm.

s. d. (déc. de 2000)

Foto Daniel Reino



Jorapimo, a.c.i.d.

Camalotes

Acrílica sobre Tela

49 x 58,5 cm.

s. d. (déc. de 1990)

Foto Daniel Reino



Jorapimo, a.c.i.d.

Camalotes em Flôr

Acrílica sobre Tela

34,5 x 46,5 cm.

1990

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Jorapimo, a.c.i.d.

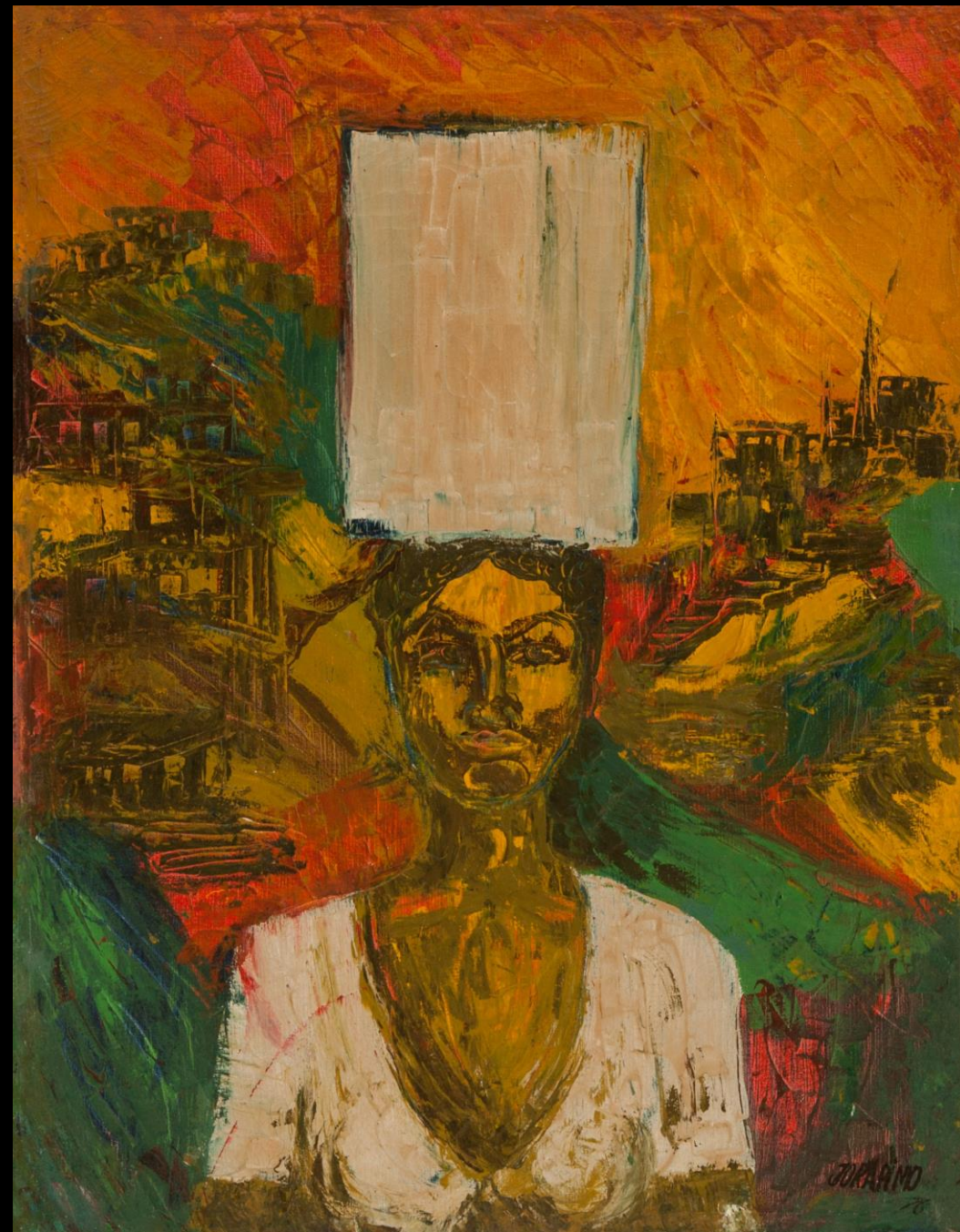
Maria do Morro

Óleo sobre Tela

78 x 61 cm.

1976

Foto Daniel Reino



Jorapimo, a.c.i.d.

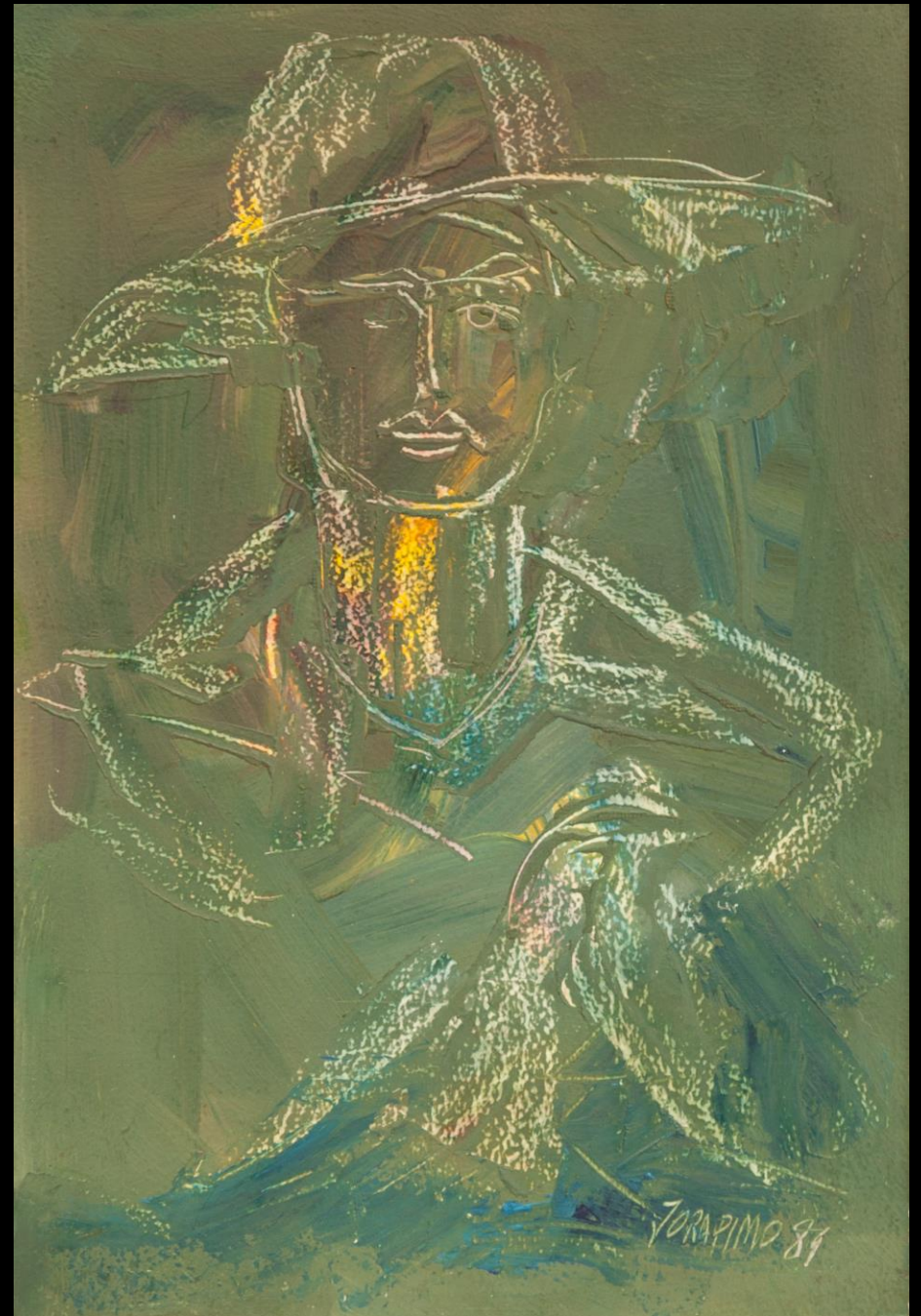
Pescador

Acrílica sobre Duratex

48 x 32 cm.

1984

Foto Daniel Reino



Jorapimo, a.c.i.d.

Pescadores

Acrílica sobre Tela

30 x 40 cm.

s. d. (2006)

Foto Daniel Reino



Jorapimo, a.c.i.d.

Porto de Corumbá ao Entardecer
(déc. de 1970)

Acrílico sobre Tela

35 x 50 cm.

1993

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Jorapimo, a.c.i.d.

Casario do Porto de Corumbá

Acrílica sobre Tela

50 x 70 cm.

1989

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Jorapimo, a.c.i.d.

Chalanas no Porto

Acrílica sobre Tela

14,2 x 20 cm.

s. d. (déc. de 1980)

Foto Angela Miracema



Jorapimo, a.c.i.d.

Gaiolas

Acrílica sobre Tela

20 x 24,5 cm.

s. d. (déc. de 1990)

Foto Daniel Reino



Jorapimo, a.c.i.d.

Casario do Porto de Corumbá

Acrílico sobre Tela

51 x 64 cm.

s. d. (2005)

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Jorapimo, a.c.i.d.

*Instituto Cultural Luiz de
Albuquerque*

Acrílico sobre Tela

39 x 67 cm.

s. d. (déc. de 2000)

Foto Daniel Reino



Jorapimo, a.c.i.d.

Travessia

Acrílica sobre Tela

30 x 45 cm.

s. d. (2000)

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Jorapimo, a.c.i.d.

Travessia

Acrílica sobre Tela

63 x 80 cm.

s. d. (déc. de 2000)

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Jorapimo, s.a.

Batalha do Riachuelo (Releitura)

Acrílico sobre Tela

60 x 80 cm.

2005

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Jorapimo, a.c.i.d.

Cabeça do Mestre

Acrílica sobre Tela

17 x 17 cm.

1993

Foto Daniel Reino



Concluindo, depois de Jorapimo as artes plásticas em Corumbá nunca mais foram as mesmas. Ele abriu espaço para o reconhecimento dos trabalhos inovadores de Rubén Dario (FIGUEIREDO, 1979, p. 339; ROSA *et al.*, p. 96-97) e Marlene Mourão (FIGUEIREDO, 1979, p. 319; ROSA *et al.*, 2005, p. 78-79) ambientados no Pantanal. As pinturas desses artistas são recursos igualmente importantes para a compreensão das relações sociais na região. Nessa mesma direção também merecem referências Jonir Figueiredo (ROSA *et al.*, 2005, p. 66-67), Joubert Pantanero (ROSA *et al.*, 2005, p. 216-217) e Edson Castro (ROSA *et al.*, 2005, p. 332-333), mesmo que variando para menos o teor de criticidade de suas obras. Alguns artistas revelam a absorção direta dos motivos, dos personagens e das composições características da pintura de Jorapimo, a exemplo de Daltro (ROSA *et al.*, 2005, p. 170-171). Também Vera Jane (ROSA *et al.*, 2005, p. 362) explora intensamente o espaço da cidade e o cotidiano de sua gente nas telas que produz. Os cânones do passado foram inteiramente superados.



Mar ou Mar Mourão (Peninha)

Nomes artísticos de Marlene Terezinha Mourão (Coxim, MS, 1945 – Corumbá, MS)



Mar Mourão, a.c.i.d.

Mamáí Pantaneira

Acrílico sobre Tela

50 x 70 cm.

2001

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Mar, a.c.i.e.

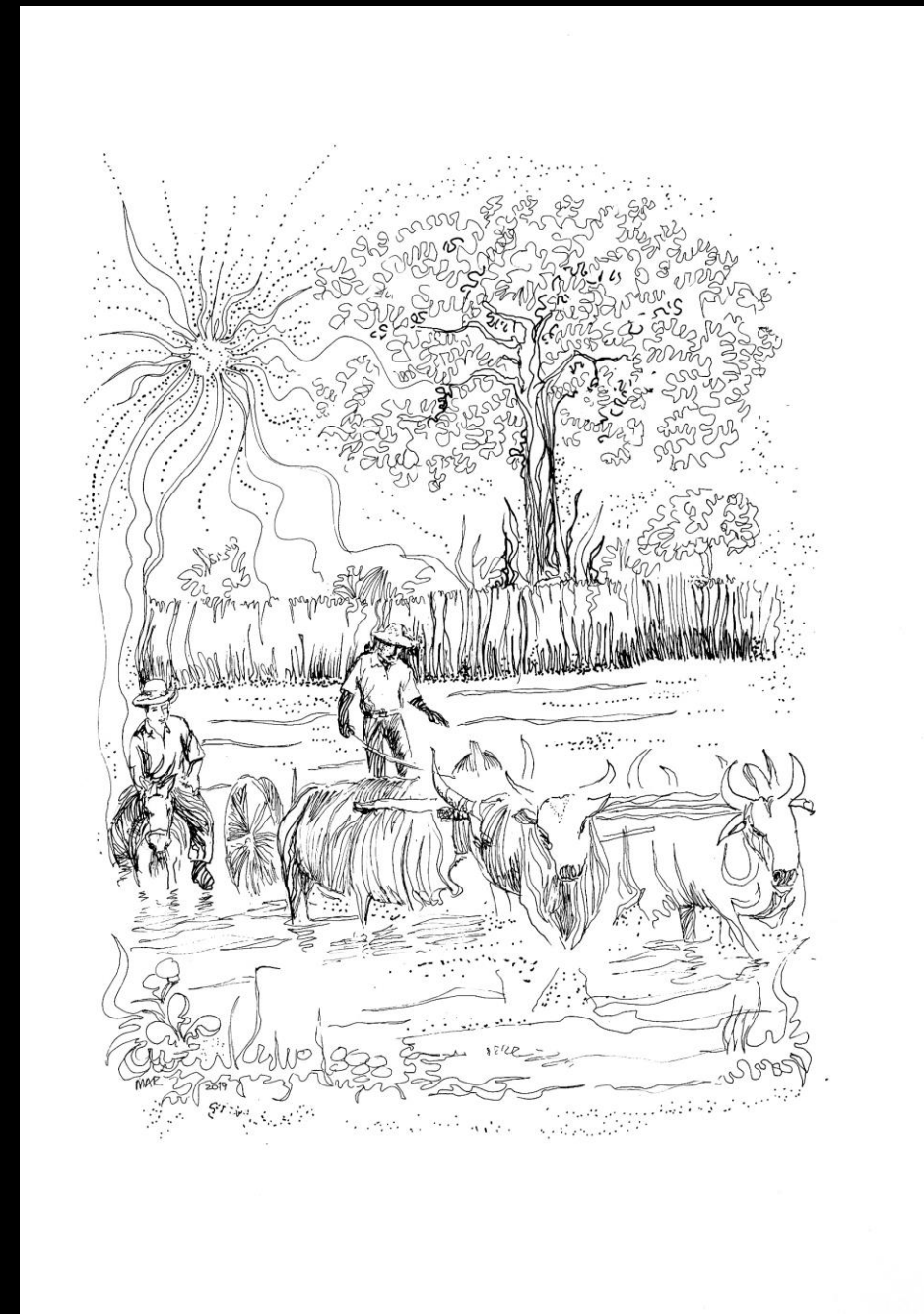
Série Pecuária: Carro de Boi

Bico de Pena sobre Papel Canson

42 x 30 cm.

2019

Foto Ricardo Carracedo



Rubén Darío

Nome artístico de Rubén Darío Román Añez (Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, 1948 – Corumbá, MS)



Rubén Darío, a.c.i.d.

Manifestación

Óleo sobre Tela

85 x 85 cm.

1974

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Rubén Darío, a.c.i.d.

O Grito

Óleo sobre Tela

85 x 49 cm.

1970

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Jonir

Nome artístico de Jonir Figueiredo (Corumbá, MS, 1951 – Campo Grande, MS, 2025)



Jonir, a.c.e.

Colete de Jacaré

Técnica Mista (Grafite e Colagem sobre Cartão)

36 x 50 cm.

s. d. (déc. de 1980)

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Jonir, a.v.

*Mapa do Paraíso: Pantanal Brazil
(Rio Paraguai)*

Acrílica sobre Tela

93 x 110 cm.

s. d. (déc. de 2000)

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Daltro

Nome artístico de Epaminondas Pedreira Daltro Junior (Corumbá, MS, 1965 – Corumbá, MS)



Daltro, a.c.i.d.

Manoel Cavassa e Volta para Casa

Acrílica sobre Tela

64 x 84 cm.

2013

Foto Daniel Reino



Daltro, a.c.i.d.

Porto de Corumbá

Acrílica sobre Tela

49 x 80 cm.

s. d. (2014)

Foto Daniel Reino



Daltro, a.c.i.d.

Siriri e Disputa

Acrílica sobre Tela

37 x 58 cm.

2014

Foto Daniel Reino



J. Pantanero ou Joubertpantanero

Nomes artísticos de Joubert dos Santos (Corumbá, MS, 1945 – São Paulo, SP)



Joubertpantano, a.c.i.

Mercadora Pantaneira

Óleo sobre Tela

75 x 115 cm.

1993

Foto Marian Jan Chudechi Junior



J. Pantanero, a.c.i.d.

Composição

Óleo sobre Tela

120 x 80 cm.

2005

Foto Marian Jan Chudechi Junior



E Castro

Nome artístico de Edson Castro da Silva (Corumbá, MS, 1970 – Campo Grande, MS)



E Castro, a.c.i.d.

Irreversivelmente Verde

Acrílica sobre Tela

99 x 117 cm.

1999

Foto Marian Jan Chudechi Junior



E Castro, a.v.

Abstrato

Lápis Oleoso sobre Papel

30 x 41,5 cm.

s. d. (2007)

Foto Marian Jan Chudechi Junior



Vera Jane

Nome artístico de Vera Jane de Oliveira (Presidente Epitácio, SP, 1951 – Corumbá, MS)



Vera Jane, a.c.i.d.

Casario do Porto (déc. de 1970)

Acrílica sobre Tela

30 x 40 cm.

2012

Foto Gilberto Luiz Alves



Vera Jane, a.c.i.d.

Paz no Porto

Acrílica sobre Tela

30 x 40 cm.

2014

Foto Daniel Reino



Mirando a obra de Jorapimo com distanciamento, não há como deixar de reconhecer sua grandeza. Quero crer que os corumbaenses e todos os sul-mato-grossenses temos o dever de torná-la suficientemente conhecida no Brasil e no exterior. Essa é uma forma, também, de valorizar a nossa regionalidade pelo que ela tem de melhor.



REFERÊNCIAS

ÁLBUM Gráfico de Mato Grosso. Campo Grande, MS: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2011. 3 tomos (Série Memória Sul-mato-grossense, 10,11 e 12).

FIGUEIREDO, Aline. **Artes Plásticas no Centro-Oeste.** Cuiabá, MT: Edições UFMT; Museu de Arte e de Cultura Popular, 1979, 360 p.

MATOS, Lobivar. **Areôtorare; Sarobá.** Cuiabá, MT: Academia Mato-Grossense de Letras; Unemat, 2008, 156 p. (Coleção Obras Raras da Literatura Mato-Grossense, 3)

PELLEGRINI, Fabio; REINO, Daniel (orgs.). **Vozes das Artes Plásticas.** Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2013. 332 p.

ROSA, Maria da Glória Sá, DUNCAN, Idara e PENTEADO, Yara. **Artes Plásticas em Mato Grosso do Sul.** Campo Grande, MS: s.ed., 2005, 366 p.

